

De “Grandes” a Pequenas Estórias: contribuições de uma nova perspectiva para a análise da narrativa¹

Mércia Regina de Santana Flannery

“Oral narratives of personal experience have provided one of the most fruitful areas for the study of discourse because the structure of these speech events is unusually clear and well defined.” (Labov 2001:63)

“...understanding narratives compels going beyond these exemplars to probe less polished, less coherent narratives that pervade ordinary social encounters and are a hallmark of human condition.” (Ochs & Capps 2001:57)

Resumo: Este trabalho discute dois modelos teóricos para a análise da narrativa, a partir da identificação deste tipo textual enquanto a) artefato elaborado por um ou mais falantes, recapitulando experiências pessoais, composto de seções específicas e; b) construto temporalmente organizado, cuja extensão e formato não são fixos. No primeiro caso, o foco são as narrativas completas do modelo Laboviano. No segundo, incluem-se as “pequenas estórias” (Georgakopoulou 2007), foco da mais recente linha analítica. Exemplificamos a análise de narrativas orais, coletadas em português, que emergiram no contexto de conversas-entrevista, nas quais os falantes descreviam experiências de racismo.

Palavras-chave: narrativa oral; pequenas estórias; identidade; discriminação racial

Abstract: This article discusses two theoretical models of narrative analysis, based on the identification of narrative as a) artifact constructed by one or more speakers, recapitulating personal experiences, comprised of specific sections and;

1. Artigo recebido em 11 de maio de 2011.

b) temporally organized construct, whose extension and format are not rigid. In the first case, the focus is on full bodied narratives of the Labovian model. In the second case, “small stories” (Georgakopoulou 2007) are the focus of most recent analytical approaches. We exemplify the analysis of oral narratives, collected in Portuguese, and emergent in conversational interviews in which speakers described experiences of racism.

Keywords: oral narrative; small stories; identity; racial discrimination.

Resume: Cet article discute deux modèles théoriques d’analyse narrative, basée sur l’identification d’un récit comme a) l’objet construit par un ou plusieurs auteurs, en récapitulant des expériences personnelles, objet que se compose des sections spécifiques et; b) une construction organisée temporellement, dont l’extension et le format ne sont pas rigides. Dans le premier cas, nous nous concentrons sur des histoires complètes du modèle de Labov. Dans le deuxième cas, nous analysons des “petites histoires” (Georgakopoulou 2007), le centre d’intérêt des approches analytiques les plus récentes. Nous exemplifions l’analyse d’histoires orales, en portugais, dans les interviews dans lesquelles les auteurs ont décrit des expériences de racisme.

Móts clés: narrative orale; petites histoires; identité; discrimination raciale.

Introdução

Um tipo textual que tem sido o foco de estudos em áreas de pesquisas tais como a antropologia (Ochs and Capps 2001), a linguística (Tannen 1989; Schiffrin 1996, 2007; De Fina 2003; Georgakopoulou 2007), a psicologia (Bamberg 1997), a literatura e a medicina² (Charon 1986), a narrativa tem também sido submetida a análises que se pautam por diferentes metodologias e cujos objetivos visam à compreensão de fenômenos distintos. Este artefato linguístico, mas que também pode ser visual ou aural, tem inspirado um

2. A Universidade de Columbia, Estados Unidos, criou um mestrado em Narrative Medicine. Na página oficial do programa, lemos: “Narrative Medicine fortifies clinical practice with the narrative competence to recognize, absorb, metabolize, interpret, and be moved by the stories of illness.” <http://www.narrativemedicine.org/>

correspondentemente variado número de abordagens teóricas para o estudo de relações verificadas no âmbito da produção, co-produção e recepção, ou compreensão daquilo que é narrado.

A transição que se verifica atualmente nos estudos da narrativa oral, em particular de texto a contexto, aponta para tendências a se observar aspectos relativos à construção de identidade dos interactantes em um evento comunicativo. Ao tratar da narrativa oral é comum dizer que o foco é, agora, no arranjo interacional no qual participantes, que são também sujeitos, ou atores sociais (van Leuween 1996), empreendem a tarefa de co-construção (ou construção reflexiva), influenciando e sendo influenciados pelos elementos contextuais que marcam o evento. Essas abordagens ensejam discussões fomentadas por contribuições tanto da etnografia da comunicação (ver Georgakopoulou 2007) como pela análise da conversação (Goodwin 1986) e a sociolinguística (Schiffrin 2007).

Neste artigo, discutimos a transição de uma a outra abordagem para o estudo da narrativa enquanto tipo textual no qual os autores se prestam à recriação de eventos passados, mas também, e especialmente em abordagens mais recentes, de eventos hipotéticos ou futuros (ver Flannery 2008; Georgakopoulou 2007). A discussão que aqui apresentamos inicia-se com a consideração da narrativa Laboviana (Labov & Waletzky 1967) e prossegue para comentar e exemplificar uma nova tendência no estudo da narrativa que detém-se no estudo das chamadas “pequenas estórias”, termo que, de acordo com Georgakopoulou (2007:36),

locates a level and even an aesthetic for the identification and analysis of narrative: the smallness of talk, where fleeting moments of narrative orientation to the world (Hymes 1996) can be easily missed out by analytical lens which only looks out for full-fledged stories.

Estas estórias são classificadas como ‘pequenas’ porque fogem ao padrão Laboviano, que contempla narrativas produzidas em turnos mais longos, nas quais a transição entre falantes realiza-se com pouca frequência durante o evento comunicativo.

Na próxima seção, revisaremos os postulados teóricos da narrativa Laboviana, comentando e exemplificando suas seções componentes, para contextualizar a discussão sobre pequenas histórias, apresentada na seção posterior.

A Narrativa Laboviana

Há mais de quarenta anos desde sua publicação, o estudo seminal de Labov ainda influencia análises da narrativa oral. Na época, os escritos de Labov a cerca da regularidade de formato e estrutura das narrativas orais foram inovadores, tanto por chamar a atenção para a produção linguística de crianças em comunidades desprivilegiadas – com destaque para a habilidade de articular a recapitulação de eventos de forma organizada –, como pela inclusão do texto oral enquanto foco analítico. Além disso, Labov demonstrava com o estudo de narrativas orais que o material de análise linguística a partir do qual podemos tecer observações consistentes com a realização vernacular é, de fato, a produção contextualizada, tal como a que coletamos através de entrevistas sociolinguísticas.

Por muito tempo, os estudos da narrativa oral, particularmente a partir de uma perspectiva sociolinguística, baseavam-se na chamada narrativa Laboviana, textos orais, centrados na recapitulação de experiências pessoais, caracteristicamente marcados pela presença de componentes específicos. Tal enfoque ganhou reconhecimento em muitas áreas de estudo em que histórias figuram como textos centrais para a análise da construção da identidade, como por exemplo, em estudos na área de Psicologia (Harré, Bamberg 1997). A construção de identidade é analisada com base em critérios textuais, tais como o registro, o uso de pronomes e de outros recursos que identificam referentes no universo narrativo (Schiffrin 2006).

O enfoque Laboviano voltou a atenção do analista para o texto oral, revelando sua riqueza de recursos e expressão linguística, traços associados, em grande parte, apenas à produção escrita. Esta contribuição dos estudos de Labov figura como uma das mais importantes, dado que, por muito

tempo, enfatizava-se a narrativa escrita e literária. Ao estudar as narrativas de falantes em uma comunidade de classe baixa, Labov apontou para o que viria a ser um dos pilares da sociolinguística moderna: a percepção de que há riqueza de expressão linguística na *variação* observada em diferentes grupos, ou nos usos linguísticos de um mesmo grupo, e por diferentes falantes, em circunstâncias distintas.

Apesar de o foco dos estudos de Labov não ter sido a narrativa em si mesma, já que em princípio constituía um recurso para coleta de dados linguísticos, grande ênfase passou a ser dada à narrativa enquanto material de análise. As narrativas orais coletadas pelo modelo de pesquisa Laboviano também serviam ao propósito de selecionar linguagem que se esperava conter amostras mais próximas do vernáculo. A entrevista sociolinguística enquanto artifício de pesquisa visa a coletar dados linguísticos, minimizando a influência da presença de um pesquisador na produção do entrevistado. O resultado de uma entrevista sociolinguística é potencialmente afetado pelo que Labov chama de “paradoxo do observador”, que define a ambiguidade de uma situação cujo objetivo é coletar dados linguísticos, ao mesmo tempo em que se tenta atenuar a influência do pesquisador na produção oral do entrevistado. Com este objetivo, Labov sugere que o entrevistador deveria criar um contexto no qual o envolvimento emocional do falante com o tópico fosse tal que eliminasse a preocupação com a produção linguística em si mesma. Tópicos e situações de intenso envolvimento emocional, tais como circunstâncias de perigo e quase-morte, incluem-se na lista dos que proporcionariam este tipo de envolvimento.

Na próxima seção, discutiremos como foi coletado o corpus de onde foram extraídas as narrativas usadas neste artigo.

Corpus: entrevistas, narrativas e contexto social

As narrativas analisadas neste artigo fazem parte de um corpus de quatorze narrativas, coletadas em 2004, durante pesquisa sociolinguística, conduzida com dez participantes, voluntários, cuja idade variava entre 19 e

56 anos, em Recife. Os participantes foram contatados através de rede de contato social (*social networking*): à medida que contatávamos participantes para a pesquisa nas primeiras conversações, outros eram indicados para entrevistarmos.

O tópico que propusemos para a discussão com os participantes foi a noção de harmonia racial em sua sociedade. As conversações que geraram estas narrativas tinham início com uma discussão sobre informações pessoais dos participantes, por exemplo, o local onde moravam, que atividade desempenhavam profissionalmente e, posteriormente, consultávamos os participantes com respeito à cultura da comunidade local. Por exemplo, perguntamos a respeito das relações raciais e se prevalecia na comunidade a harmonia racial que é caracteristicamente atribuída à sociedade brasileira.

Na sociolinguística moderna, a entrevista de pesquisa é percebida como uma interação significativa e não como um mero artefato linguístico, de importância secundária, em que um dos participantes pergunta e o outro responde. Como Mishler (1986:11) afirma, a entrevista de pesquisa constitui “meaningful speech between interviewer and interviewee as speakers of a shared language.” A compreensão deste princípio representa mais do que assumir uma diferença entre estilos para coleta de dados, mas envolve tratar as entrevistas enquanto eventos comunicativos que têm suas características informadas pelas especificidades do contexto.

Se, para o tratamento de qualquer entrevista sociolinguística é importante lidar com a amostra colhida considerando-se as propriedades particulares de cada evento, afastando-se de concepções determinadas *a priori*, no caso das narrativas do nosso corpus, que compreendem histórias e conversações sobre a discriminação racial, essa percepção se torna ainda mais significativa. Isso se dá já que as interações linguísticas refletem as várias normas, familiares aos interactantes, enquanto membros sociais de uma comunidade linguística, histórica e socialmente específica. Não só é possível observamos aspectos pertinentes à produção linguística em si, tais como a sintaxe e a semântica de uma dada língua, mas também podemos avaliar as regras de ordem pragmático-social que definem aquilo de que se pode falar e como, e em que circunstâncias.

A expectativa do conhecimento partilhado é crucial ao se definir aquilo de que se pode falar em um dado contexto e as maneiras adequadas para se fazê-lo. Como atores sociais, membros de uma comunidade e, portanto, conhecedores de seu arcabouço cultural e histórico, também partilhado por outros membros de nosso grupo social, podemos fazer previsões quanto ao que nossos interactantes estão aptos a apreender. Por exemplo, ao tratarmos de temas enraizados no contexto social do qual fazemos parte, tais como relações raciais, relações entre os gêneros, ou a identidade nacional, há referências específicas que são mais facilmente percebidas quando partilha-se deste conhecimento.

Nas conversações em que geraram-se as histórias analisadas neste artigo, os participantes (Edson, 29 anos, atleta profissional, e Milton, 56 anos, funcionário público) apresentaram suas ideias sobre a vida em sua comunidade, sobre a natureza do preconceito e se este constitui um impedimento à mobilidade social. As interações da pesquisadora com os participantes resultaram em diálogos e histórias que exemplificavam a existência de preconceito e discriminação em suas comunidades. As histórias, e as circunstâncias que descrevem, tipificam situações em que o preconceito aparece ou pode, potencialmente, aparecer e que são estereotípicas das relações raciais no Brasil. Por exemplo, os personagens que figuram nas narrativas podem ser distribuídos em apenas dois grupos: brancos e negros, mesmo sendo esta distinção reconhecidamente insuficiente para caracterizar a população das comunidades de que fazem partes os narradores. No universo narrativo essa diferença auxilia na construção de um contraste que é significativo para emoldurar (*frame*) o evento enquanto episódio de discriminação racial.

Na sequência, ilustramos uma narrativa Laboviana completa, à medida que explicamos em detalhes quais são as suas partes componentes. Observamos nestes exemplos que, particularmente durante a narrativa, as participações de pesquisadora e autores são bem definidas: os autores das narrativas ocupam turnos mais longos, enquanto a pesquisadora limita suas contribuições a respostas de *backchanneling*

Narrativas Completas: um exemplo

A primeira narrativa descreve um episódio de discriminação em uma loja. Depois que Edson, o narrador, sai com um amigo de uma loja onde tentaram obter informações sobre os produtos à venda, a vendedora, suspeitando que eles estivessem em vias de assaltá-la, chama a polícia. Depois de questionar Edson e seu amigo, a polícia os leva de volta à loja para confrontar a vendedora e resolver o mal-entendido. Depois de narrar o confronto entre vendedora e donos da loja e os dois ‘suspeitos’, Edson conclui a narrativa indicando que abriu um processo judicial contra os donos da loja por discriminação e que obteve um resultado favorável, recebendo uma recompensa financeira.

A narrativa de Edson é uma narrativa completa, que usamos para ilustrar o modelo Laboviano. Para Labov, ao recriar eventos passados, os narradores organizam o texto através dos seguintes componentes:

1. uma seção de *orientação*, na qual o autor da estória expõe o tópico, e informa detalhes do cenário incluindo os personagens e o local onde os eventos narrados ocorreram. O excerto 1 exemplifica a seção de orientação de uma narrativa, enquanto Edson identifica a natureza do evento que vai reportar e supre detalhes sobre o outro personagem envolvido na estória, o local de origem e onde estavam.

Ex.1:

1. Edson: Aí, tinha um colega meu de Serra Talhada, né.
2. O nome dele, chama João e ele, né, é negro também, igual a mim.

Neste excerto, o narrador fornece elementos introdutórios, que caracterizam a natureza dos eventos sobre os quais a estória vai tratar. Identificar a si mesmo e ao outro personagem como ‘negros’ é uma ação relevante para a audiência de uma narrativa em que se descreverá um evento de racismo.

2. *a avaliação*, que não se trata exatamente de uma ‘parte’ no sentido de que não pode ser localizada no início ou final do texto, necessariamente, mas que se distribui ao longo da narrativa, e fornece indicações da *razão de ser* da estória, do porquê de sua narração, o seu ponto. De acordo com Labov, a avaliação ajuda a evitar o “e daí?” ao final de uma estória, justificando a ocupação de turnos mais longos pelo narrador. O excerto 2 ilustra o uso de avaliação na narrativa de Edson, quando o autor indica por que conta a estória, e expõe o significado dos eventos para si, justificando a sua narração.

A avaliação pode ser realizada através de diferentes recursos textuais como, por exemplo, através do uso de discurso reportado, que é classificado como um recurso de avaliação interna. Há também a chamada avaliação externa, em que os narradores suprem seu posicionamento em relação aos eventos e a significação deles de forma explícita, como no excerto 2 abaixo.

Ex.2:

9. Edson: E aconteceu um fato comigo assim, de racismo
10. assim, foi quando eu tava no Ceará né,

Ao considerar os eventos da estória que narrará, Edson os avalia explicitamente, declarando que se trata de um episódio de “racismo” (linha 9). Dessa forma, o autor inequivocamente identifica a natureza dos eventos a serem descritos e, implicitamente, seu significado para ele.

Reportar a fala de outros é um recurso tipicamente utilizado ao se fazer avaliações internas, não explícitas. No excerto seguinte, observamos um exemplo de avaliação interna, através do emprego do discurso reportado direto.

Ex.3:

15. Edson: Quando a gente tá perto da nossa casa lá,
16. eh tava numa lanchonete lá que a gente sempre lanchava.
17. Pesquis.: Sei.
18. Edson: Tava lanchando.
19. Aí chegou o carro da polícia lá né,
20. e ((eles falaram para)) nós dois “bota a mão na cabeça.”

21. Aí gente, ficou lá, saímos,
22. eles revistaram a gente,
23. aí começou, “a gente mora aqui na Portuguesa do Crato e tal”.
24. Aí dois caras, “não são eles, não.”
25. Foram embora.
26. Nisso, a gente ficou “não são eles, não?”
27. O que é que eles quiseram dizer com isso?”
28. Então a gente ficou lá, aquela aflição assim,
29. mas a gente normal, né.

No excerto 3, Edson realiza a avaliação através da exposição das falas dos personagens. Como observamos anteriormente, o discurso direto é um recurso de avaliação interna, que expõe a posição do narrador em relação aos eventos através da manipulação dos elementos textuais. Ao lançar os personagens como autores de suas próprias palavras, o narrador permite que a audiência perceba por si mesma as posições que os personagens assumem, sem fazer estas indicações através de comentários explícitos. Neste caso, em que a estória centra-se em um evento de discriminação, o narrador “põe os personagens no palco” (Tannen 1989: 104), e anima suas vozes, mostrando que não se trata meramente de sua interpretação dos eventos, mas, ao contrário, que as ações de fato ocorreram. Observe ainda no exemplo que, ao criar vozes para os personagens, o narrador dramatiza a situação, pois agora sabemos detalhes de sua reação à abordagem da polícia, ordenando a Edson e a seu colega, que pusessem “a mão na cabeça”; essa reação também é vividamente ilustrada, à medida que o caráter de surpresa às ações dos policiais é exposta através da fala “o que é que eles querem dizer com isso”. Essa dramatização auxilia na criação de posições específicas no contexto narrativo e permite ao narrador *demonstrar* (Clark and Gerrig 1991) à audiência o que ocorreu, ao invés de *descrever*, como se daria através do discurso indireto. Através das falas dos personagens expõe-se um contraste que cria posições específicas de vítimas – os suspeitos, que obedecem aos policiais, fazendo o que o lhes é pedido – e perpetradores –, os policiais que interrogam e dão ordens.

3. *orações de complicação*, que fazem a ação progredir até culminar com o clímax da estória. No excerto abaixo, Edson continua a narrativa, ao incluir detalhes do encontro com os policiais, dos eventos que ocorreram na loja, continuando desde o ponto em que os policiais os haviam abordado na lanchonete, indicando que eles eram suspeitos de tentar assaltar uma loja.

Ex.4:

- 33. Edson: Aí, a gente- depois eles ((os policiais)) voltam de novo.
- 34. Pesquis.: Sei.
- 35. Edson: E ele falou, "dá pra vocês entrarem aqui no carro?"
- 36. Aí a gente, "dá."
- 37. Entrou no carro, descemos.
- 38. Nisso, ele passou o rádio amador pra outro carro,
- 39. o rapaz da outra loja, né.
- 40. Deu nossas características, né.
- 41. Pesquis.: Sei.
- 42. Edson: São dois morenos, né.
- 43. Um alto outro baixo, tal.
- 44. Um tá de boné tal, camisa verde, cortada tal.
- 45. Então são eles.
- 46. Aí ele falou "ó, são vocês. São vocês que estavam querendo assaltar uma loja.
- 47. Aí ele disse, vamos lá agora."

Na sequência de ações narrativas, Edson fornece informações adicionais do episódio, incluindo a sua interação com os policiais, as descrições feitas, até chegar ao clímax do evento narrativo, que corresponde à acusação de que Edson e seu amigo haviam tentado roubar a loja.

4. *a resolução da estória* em que os eventos narrados são concluídos. Uma narrativa Laboviana completa inclui um fecho, ou conclusão do episódio, tal como exemplificado no excerto 5, em que a situação é resolvida e o mal-entendido desfeito, mas com consequências: neste caso a ação judicial movidas por Edson e seu amigo contra os donos da loja.

Ex.5:

49. Edson: Então, então a gente foi
50. e o policial que tava do lado disse
51. que ele foi atrás da gente porque ela, a dona da loja,
52. falou pra ele,
53. “Foram dois rapazes.”
54. Então ele passou o rádio pro carro que tava mais perto
55. e foi atrás da gente.
56. Então, deu um rolo.
57. A gente colocou na justiça,
58. o pai dela foi atrás da gente lá
59. pra gente procurar os policiais,
60. colocar os policiais na justiça, já tinha-
61. Pesquis.: Sei.
62. Edson: A gente entrou com uma ação, né,
63. de racismo e danos morais contra a dona da loja, dela.
64. A gente foi ((para a)) audiência, o julgamento lá, tal.
65. Sei que a questão a gente conseguiu ganhar, né.

Nesta estória, a resolução corresponde ao confronto entre Edson e seu amigo e os donos da loja, com a inclusão das consequências resultantes das ações destes últimos: uma ação judicial iniciada pelos acusados injustamente e, para estes, a favorável decisão do processo legal, e a exculpação dos policiais. Ao explicar por que os policiais os interrogaram, Edson absolve os policiais, à medida em que as ações destes últimos são atribuídas à interpretação falha dos donos da loja.

5. *uma coda*, que reorienta a narrativa para o momento presente e, em muitos casos, reincorpora a narração na interação onde esta se originou.

Ex.6:

67. Edson: Eu acho que não só no Brasil,
68. mas em qualquer lugar no mundo,
69. por o cara ser negro né.

Neste excerto, Edson incorpora a narrativa no momento presente por comentar a abrangência do preconceito, declarando que não é um problema

típico do Brasil, ou relacionado apenas ao item raça. Essa declaração reorienta a interação para o momento presente, já que não se trata mais de recapitulação de eventos passados, mas insere-se no âmbito da discussão mais ampla na conversação com a pesquisadora.

Discussão: em direção à análise da identidade no discurso narrativo

Essa narrativa oral, tal como seccionada, exemplifica o formato a partir do qual os estudos de uma perspectiva sociolinguística originaram-se. Para Labov, o foco era na consistência estrutural que este tipo de texto apresentava. Ao mesmo tempo que inovadora, a perspectiva Laboviana foi exaurida em análises que cobriram desde o papel da orientação para o entendimento de uma estória (De Fina 2000), a como os falantes negociam o significado de uma estória, através de sua avaliação (Polanyi 1985). A evolução dos estudos da narrativa também destacou imperfeições, ou falhas teóricas a que se propuseram inúmeras alternativas.

Apesar de o trabalho de Labov ter sido um dos pilares da moderna sociolinguística (Journal of Narrative and Life History, vol. 7: 2007³), atualmente, de acordo com uma perspectiva pós-moderna, o fio condutor de análises sociolinguísticas define critérios analíticos que se afastam de um modelo restrito ao seccionamento e análise de uma narrativa, enquanto corpo textual. Trata-se, agora, de um modelo que enseja a inclusão do papel do ouvinte, uma perspectiva teórica que atribui maior relevância à co-construção da interação, à importância de reter-se a inclusão de elementos contextuais que infligem nas posturas e posições (Bamberg 1997) reflexivas, assumidas, ou atribuídas ao interactantes.

Schiffrin (1996) resume o potencial de o texto narrativo oferecer uma abertura à observação de aspectos relativos à construção da identidade ao afirmar que a narrativa supre “a SOCIOLINGUISTIC SELF-PORTRAIT: a

3. Esta edição da revista (números 1 a 4) contém 46 artigos que discutem a repercussão do trabalho de Labov & Waletzky (Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience) após trinta anos de sua publicação.

linguistic lens through which to discover peoples' own views of themselves (as situated within both an ongoing interaction and a larger social structure" (p. 42 ênfase da autora). Essa possibilidade de configurar a identidade de personagens, narradores e interlocutores é expressa tanto por meio de elementos macro-textuais, tais como referências ao Discurso (Fairclough 1996), e às relações extra-linguísticas que podem ser articuladas através de intertextos, como por meio de elementos do universo micro-textual, pertinentes à expressão verbal propriamente dita, à seleção lexical e ao universo referencial do texto. De acordo com Schiffrin (1996:42), o texto narrativo oferece a possibilidade de se observar: 1) uma identidade situada, considerando-se como a atividade narrativa supre um contexto interacional no qual os participantes negociam suas identidades e status, e 2) uma identidade que é externa ao contexto imediato, tal como classe, gênero e identidades étnicas ou regionais.

A progressão dos estudos da narrativa, então, também aponta para uma tendência em que o foco passa a ser nas relações que o texto estabelece com outros textos, ou na relação que o texto, enquanto produção *on line*, permite criar entre os participantes de um evento comunicativo.

Na seção seguinte, consideramos as bases teóricas que ancoram a análise das “pequenas histórias”, exemplificando este novo modelo analítico com excertos de narrativas extraídas de conversações/entrevistas.

Pequenas Estórias: ações projetadas e hipotéticas

Uma das críticas à análise pautada nos estudos de Labov fundamenta-se na excessiva atenção a elementos textuais em detrimento à observação de aspectos relativos ao contexto em que as narrativas se originam. Se a narrativa canônica é considerada um corpo em si mesma, decontextualizada, autônoma e dotada de partes essenciais, em uma nova abordagem, prescinde-se destes mesmos elementos e atenta-se para seu caráter sequencial e emergente.

De acordo com Georgakopoulou (2007:4-5) Esta nova abordagem, informada pela análise da conversação e a etnometodologia, baseia-se nas premissas de que a narrativa é:

1. uma entidade inserida no contexto e atividade em curso;
2. administrada sequencialmente;
3. emergente, ou seja, sua forma e conteúdo são contingentes ao plano linguístico imediato no qual é gerada, e não pré-existente ao contexto em que é narrada;
4. eminentemente situacional, sendo muitos dos elementos que contribuem para a criação de significado negociados de turno a turno.

Além de uma atenção maior à interação, essa abordagem também evolve a partir da percepção da narrativa enquanto prática social (Georgakopoulou 2007:6). A inclusão da noção de prática social permite ao analista lidar com o texto narrativo ao mesmo tempo em que considera também as configurações biográficas, cotidianas, mas também históricas, envolvidas no processo narrativo. Nessa perspectiva, figura o dinamismo que é paralelo à própria ação de narrar. São as contingências da interação, associadas às contingências espaço-temporais em que as narrativas emergem, que contribuem para configurar forma e sentido.

Uma outra noção importante para esta abordagem é a de “comunidades de práticas” (Georgakopoulou 2007:11), agregados de pessoas que se unem em torno de um objetivo ou atividade comum. A inclusão desta noção permite ao analista mover-se desde o texto, enquanto construto estático, de estrutura rígida, para os participantes e a evolução da interação na qual atividades narrativas são geradas. Esta ênfase nas práticas sociais permite a observação do que se realiza linguisticamente, mas também como a atuação dos participantes contribui para a articulação de suas identidades, seja no âmbito de papéis tipificados pela experiência humana geral, tais como os atributos de gênero, ou aqueles definidos no âmbito de práticas sociais reconhecidamente associadas a grupos específicos, tais como as identidades de vítima e perpetrador de discriminação, por exemplo.

Adiciona-se à ênfase em sujeitos e práticas sociais, a ausência de uma estrutura fixa, como a narrativa Laboviana. Predomina na análise de pequenas histórias a noção de que estas podem ser definidas através de várias práticas discursivas que não envolvem necessariamente a recapitulação de eventos

passados. Isso permite incluir no arcabouço textual narrativo, estórias em que os participantes criam situações hipotéticas, ou fazem projeções futuras. Como indicado por Georgakopoulou (2007), essa mudança de foco permite-nos observar com mais atenção outros tipos de narrativa que, apesar de ubíquas, haviam por muito tempo sido negligenciadas em prol da busca de uma narrativa Laboviana clássica e completa, definida *a priori*.

Na próxima seção, ilustraremos a abordagem analítica das pequenas estórias com sua aplicação a excertos narrativos.

Pequenas Estórias: papéis locais, identidades globais

As estórias apresentadas nesta seção são também parte do *corpus* coletado através de entrevistas sociolinguísticas em que os participantes discutiam práticas sociais discriminatórias. No primeiro excerto, a pesquisadora interage com Milton, um homem de 56 anos, funcionário público, à medida que discutem a existência de preconceito e racismo na comunidade dele. Milton descreve ações discriminatórias hipoteticamente, ao responder à pergunta da pesquisadora sobre as situações que tipificam discriminação em seu meio. Ao passo que atende às exigências imediatas do evento comunicativo por suprir uma resposta à pergunta feita pela pesquisadora, Milton não assume primeira pessoa e descreve os eventos distanciando-se da posição de vítima, construindo sua identidade como observador de experiências discriminatórias.

Ex. 7:

1. Pesquis.: Então quais são as assim as situações mais típicas
2. em que alguém pode pode ser maltratado por causa da cor?
3. Milton: Vamos dizer que você é você-qualquer coisa.
4. Vamos dizer que você passe por junto de uma
pessoa ou não veja e bata nela, aí "ah você tá cego, seu negro!"
5. Pesquis.: Uh-hm
6. Milton: Eh você pode dar [pedir] um troco no ônibus=
7. Pesquis.: Uh-hm
8. Milton: =e o pessoal do ônibus acha que
9. "me dê o meu troco."

10. "Dou não! Não tem troco pra você não.
11. Vai-te embora, negro! Não tem troco pra você não".
12. Então, tem aí vários exemplos que se citam.
13. Pesquis.: Uh-hm
14. Milton: Principalmente quando ela [a pessoa] é preta.

O cânone narrativo Laboviano não nos permitiria analisar os detalhes deste texto enquanto narrativa. Entretanto, a observação do evento, tendo-se em consideração o que o autor faz, nos leva à conclusão de que se trata de um texto narrativo hipotético, cujas funções podem estar relacionadas às intenções do falante. Observe-se a princípio a pergunta da pesquisadora, solicitando situações que exemplifiquem o preconceito na sociedade em que Milton vive e a subsequente resposta deste, que é introduzida com a expressão “vamos dizer que”, marcando a natureza das próximas declarações como potenciais ou possíveis. Milton, então, constrói uma situação em que transeuntes (um deles negro) colidem na rua, o que resulta na desnecessária emissão de um insulto racial. Milton prossegue a descrição de situações discriminatórias típicas ao construir uma outra situação hipotética, desta vez em um ônibus, em que passageiro e funcionário trocam declarações costumeiras para esse evento comunicativo, i.e., pedido e resposta em um encontro de serviço, mas que, inesperada e abruptamente, chega ao fim com a emissão de um insulto racial, tal como no primeiro exemplo. Através dessas situações narrativas, que são minimamente construídas através das vozes que o narrador atribui aos personagens, ganha-se um “retrato”, nas palavras de Schifffrin, daquilo que se julga típico em uma prática social discriminatória.

“Entextualizar” os eventos enquanto situações hipotéticas estabelece relações com Discursos que se estendem para além da situação de interação imediata. De fato, em casos como este, pode-se também falar de relações intertextuais, pois todos nós temos acesso a um arcabouço textual partilhado por aqueles que fazem parte da nossa comunidade. Podemos afirmar que, em se tratando da discussão entre pesquisadora e Milton, essa relação é potencialmente verificável, já que são provenientes da mesma localidade.

Tratando-se da construção da identidade, neste excerto, através da sua narrativa hipotética, Milton cria para si, para os que ‘habitam’ a sua narrativa e para a pesquisadora papéis que auxiliam na configuração de identidades específicas. Estas identidades são contruídas reflexiva e linguisticamente, pois ao responder à pergunta da pesquisadora com um exemplo de discriminação, Milton cria para si a posição de alguém que reconhece e sabe que situações tipificam a discriminação em sua sociedade. Ao mesmo tempo, ao suprir pequenas estórias, hipotéticas, Milton também se distancia do papel de ‘vítima’ de discriminação. Ao evitar o uso da primeira pessoa, com efeito, o narrador mascara a identidade de quem enfrentou um evento discriminatório. Apesar dos contextos fornecidos por Milton serem exemplos ‘típicos’, as situações que ele cita são específicas, e a busca da generalização é quase anulada através de uma caracterização tão definida do evento. Assim, é através da minimalização das descrições, inclusive da ausência de primeira pessoa, ou de nomes próprios, que o narrador atinge o efeito de distanciamento dos eventos discriminatórios. Notamos também que, ao contrário de uma narrativa Laboviana, a narrativa hipotética de Milton é construída passo a passo, através da rápida inclusão de linhas de discurso reportado.

Vejamos a seguir uma outra narrativa que foge ao modelo Laboviano, também hipotética. Aqui, a pesquisadora especificamente pergunta a Milton sobre a reação daqueles que vivenciaram experiência discriminatórias.

Ex.8:

1. Pesquis.: Agora outra pergunta, essas pessoas que passam
2. por essa circunstância,
3. você já ouviu eh é comum que elas reajam,
4. quando elas encontram algum tipo de preconceito?
5. Qual é a reação [de uma pessoa discriminada?]
6. Milton: [Não. Veja só.]
7. Olhe, a pessoa quando é discriminada,
8. desde que não lhe traga prejuízo=
9. Pesquis.: Uh-hm.
10. Milton: =tá certo.
11. Pesquis.: Uh-hm.

12. Mílton: Desde que não lhe traga prejuízo.
13. Eu posso dar um exemplo.
14. A pessoa pode vamos dizer..
15. vamos dizer que ao comprar uma, ao fazer uma compra, tá certo?
16. Pesquis.: Sim.
17. Mílton: Então vamos dizer que eh
18. Uma-que aquela que tenha aquele preço.
19. O branco vamos dizer, chegou e teve aquele abatimento.
20. A-a peça custaria, o objeto custaria,
21. vamos dizer dez reais pro branco.
22. Pesquis.: Sim.
23. Mílton: Tá certo?
24. Pesquis.: Uh-hm.
25. Mílton: Aí o branco conversava, conversava compraria por oito, tá certo?
26. Pesquis.: Uh-hm.
27. Mílton: Aí, viria a oportunidade do negro ser atendido.
28. Então pro negro seria dez reais.
29. Pesquis.: Uh-hm.
30. Mílton: Mesmo que talvez a pessoa,
31. isso depende muito da pessoa,
32. mas a pessoa já viu que o branco chegou e levou por oito=
33. Pesquis.: Uh-hm.
34. Mílton: =aí ele vai chegar e vai dizer,
35. "não, mas você não vendeu a fulano por oito?
36. Por que tá vendendo a mim por dez?"
37. "Não porque a-foi a última que a gente podia vender por aquele
preço.
38. Aquela ali custou oito realmente.
39. Infelizmente, pra você, por você ter chegado agora,
40. eu não posso mais baixar o preço."
41. Pesquis.: Uh-hm.
42. Mílton: Então a pessoa se sente discriminado.
43. "Não. Eu acho que você deveria ter o preço pra todos aqui."

As linhas imediatamente anteriores ao relato hipotético identificam o contexto gerador da narrativa. Ao perguntar a Mílton sobre a reação à discriminação, a pesquisadora cria um contexto para que ele supra uma explicação. Esse contexto também difere do modelo Laboviano, uma vez que

a pergunta aproxima-se mais da que figuraria em uma conversação informal, mas não enquadra-se na típica questão sobre situações de “quase-morte” que, supostamente, conduziriam a uma narrativa completa.

A resposta de Milton (“posso dar um exemplo”) orienta a interação para mais uma estória. O que podemos verificar das pequenas estórias, tais como a que Milton encena a partir da pergunta da pesquisadora, é que, diferente das estórias do modelo Laboviano, este tipo de narrativa não é pautada pela necessidade de identificar ações que se sucedem numa cadeia temporal contínua. De fato, como Georgakopoulou (2007) observa, este tipo de relato comprova a importância de voltarmos a nossa atenção para estórias que, apesar de não se comportarem segundo o modelo canônico Laboviano, transmitem importantes noções de identidade.

Neste relato, por exemplo, ao evitar uma recapitulação direta, em primeira pessoa, Milton potencialmente efetua uma ação cuja relevância ou interpretação pode estar circunscrita ao universo pragmático-interacional. Mais especificamente, por não revelar identidades através de referências diretas, como nomes próprios, ou pronome de primeira pessoa, o narrador não só omite a face do protagonista (desta forma salvaguardando-a), mas exerce também uma implícita avaliação para as ações que descreve, pois identificar alguém como receptor de uma ação discriminatória pode ser uma atividade que fere a face dos envolvidos.

Desta forma, o pequeno relato de Milton funciona como um protótipo do que pode ocorrer em situações envolvendo brancos e negros. O estereotípico par provido pelo narrador contribui para criar o *framing* do seu exemplo enquanto episódio de discriminação. A narrativa de Milton, então, encerra um caráter macro-pragmático-social, na medida em que ilustra aspectos da identidade maior i.e., brancos e negros enquanto grupos distintos, e também, em um universo mais particular à interação imediata, entre pesquisadora e entrevistado, posto que a criação de estórias hipotéticas pode ser um artifício para omitir a face dos envolvidos no evento. O caráter hipotético do relato é alcançado através de recursos como a introdução através de “vamos dizer que”, termos sugerentes de uma possibilidade, e que atenuam o valor de certeza da informação seguinte. A introdução de dados pertinentes

ao contexto da interação de serviço no universo da narrativa através de verbos no condicional é uma outra estratégia, como em “a peça, o objeto *custaria*” ou “*viria* a oportunidade do negro”.

Notamos também o uso que Milton faz do discurso reportado ao criar uma reação de indignação por parte do personagem vitimado por discriminação em sua estória hipotética. Neste caso, há uma suspensão da narrativa, à medida que a nossa atenção é voltada para a fala de um personagem que, até este ponto na narrativa, aparecia sem características pessoalmente definidoras. A introdução do discurso reportado na voz desta figura, em um relato hipotético, contribui para a avaliação das ações reportadas. Esta é uma característica central da narrativa Laboviana que prevalece na abordagem analítica às pequenas estórias.

O discurso direto que Milton cria, animando as vozes de cliente e vendedor em uma situação de serviço, contrapõe posições de vítima e perpetrador de discriminação. A troca entre estes dois personagens supre o argumento central da estória, pois é através destas falas, atribuídas a vítima e perpetrador, respectivamente, que encontramos as posições que definem estas mesmas identidades. Ao apresentar o potencial cliente negro questionando as razões para não ter acesso ao produto que gostaria de comprar pelo mesmo preço que um outro cliente branco, o narrador permite que a audiência chegue à sua própria conclusão quanto a se a situação foi ou não um episódio discriminatório.

Observamos ainda que as linhas de discurso reportado atribuídas aos personagens aparecem sem introdução por verbos discendi, o que contribui para a fluidez da narrativa, ao passo que se omitem traços diretos da avaliação e interpretação dos fatos pelo narrador. O efeito deste recurso linguístico é exibir o cenário em que protagonistas envolvidos em uma disputa interagem. A natureza controversa do discurso social no qual se pauta o argumento da narrativa – um evento de discriminação – dita aspectos relativos ao formato do texto e aos recursos que são empregados para efetivar a avaliação.

Ao concluir a narrativa, Milton avalia a natureza dos eventos e sua significância para alguém sujeito ao tratamento por ele descrito. Esta avaliação vem através do discurso direto, quando a vítima expressa indignação ante

a conclusão de que recebeu um tratamento discriminatório. Essa linha de discurso reportado empregada para concluir a estória e avaliar o significado das ações narrativas encerra a razão de ser do relato. Através dessa avaliação dos eventos, Milton permite que tenhamos acesso à sua percepção da discriminação, enquanto evento injustificado.

Ao relatar a situação hipoteticamente o narrador também elimina detalhes que, em narrativas completas, podem servir ao propósito de criar envolvimento entre autor e audiência, ou mesmo entre autor e texto (Tannen 1989). Descrições minuciosas e detalhadas contribuem para a criação de envolvimento por disponibilizarem material para a construção de um quadro mental dos personagens, cenários e ações. Em projeções e relatos hipotéticos, a ausência de detalhes é justificada pelo foco nas ações em si, e não nos detalhes pessoais. Diferente de narrativas que recapitulam experiências pessoais, as narrativas hipotéticas visam a exemplificar um problema de ordem social. Desta forma, a sugestão de que as ações não são específicas, pode também nos levar à conclusão de que o narrador descreve ações que são verdadeiras em um universo de situações que se reproduzem envolvendo elementos similares.

Considerações Finais

Por muito tempo, a análise da narrativa concentrou-se em relatos de experiências pessoais, que descrevem episódios passados. A busca pelo tipo de texto que se conforma ao modelo Laboviano de uma narrativa completa, produziu um grande número de abordagens, enquanto ofuscou a atenção para a identificação de outras estórias. Apesar de a análise da narrativa ter evoluído, dando-se maior ênfase aos elementos contextuais, principalmente no âmbito dos estudos sociolinguísticos, é importante agora voltarmos nossa atenção para as estórias menores, que projetam ações futuras, ou enredam ações hipotéticas.

O passar de uma abordagem a outra tem nos mostrado a grande plasticidade deste tipo textual, mas também tem revelado como a ênfase nos elementos particulares de cada situação podem direcionar a análise a novas

vertentes. Desde que Labov identificou o texto narrativo através de entrevistas sociolinguísticas, inúmeros pesquisadores têm contribuído com variações que incluem desde a atenção ao papel de elementos intratextuais, tais como a variação entre os usos dos tempos verbais (Schiffrin 1982), o emprego do discurso reportado (Tannen 1989; Chafe 1990), referências (Schiffrin 2006), até a inclusão de discussões sobre como a narrativa pode ser um importante meio através do qual se analisar a construção de identidade dos participantes de um evento comunicativo.

Esta ênfase na consideração da identidade enquanto característica pré-existente à interação deu vez à construção da identidade *in situ*. A noção de identidade aliava-se à definição de papéis, cuja principal propriedade era seu caráter estático, e que figurava em análises influenciadas pelo trabalho do sociólogo Ervin Goffman (1981). Com a passagem do foco analítico de papéis a posições (Harré & Langenhove 1999; Bamberg 1997), a noção de identidade recebeu renovada atenção. Focaliza-se, agora, em como o alinhamento e realinhamento de interactantes, atribuindo posições direta ou reflexivamente, contribui para a construção de identidades tanto no universo da narrativa como no âmbito da narração.

Podemos apontar, como uma das contribuições mais importantes do novo enfoque nas chamadas ‘pequenas estórias’, a inclusão no corpus de material que é potencialmente revelador de traços linguísticos relevantes para a análise de relações de identidade e intertextualidade. Como tentamos demonstrar através da nossa análise de duas pequenas estórias, a produção *on line*, desenvolvida passo a passo pelos participantes de um evento comunicativo, salienta o caráter não-planejado, espontâneo da própria situação. Esta propriedade dos eventos comunicativos, por sua vez, destaca a necessidade de repensarmos a metodologia, se não o espaço, para a coleta de dados.

À medida que novas formas de comunicação são disponibilizadas através da tecnologia moderna, criam-se novos espaços para a interação e a produção linguística. A combinação de tipos textuais conhecidos, associados a um novo espaço interacional, apresentam novas e promissoras oportunidades de pesquisa. As interações mediadas pela Internet, por exemplo, e o grande

número de eventos comunicativos que têm sido viabilizados por sites de diálogo e comunicação eletrônica, em fóruns de opinião, constituem um locus apropriado para a análise de construção de identidade, da percepção que os autores constroem e transmitem de si e de outros e através de que recursos linguísticos o fazem.

Com a ênfase em um modelo narrativo que inclui histórias construídas linha a linha, envolvendo a participação de co-autores, ou as chamadas projeções e histórias hipotéticas, deparamo-nos com um outro universo para a consideração da produção linguística que atenta para a fluidez e o caráter fragmentado de vários eventos comunicativos.

Relacionarmos a noção de prática social enquanto consideramos que os participantes de um evento comunicativo realizam ações específicas, dando opiniões, narrando histórias, tomando e atribuindo posições através dessas mesmas ações, amplia o universo da pesquisa linguística. Diante da complexidade de um mundo que tende cada vez mais a nos distanciar pelos mesmos recursos que visam a criar laços, – tais como a Internet e as variedades de estilo comunicativo que esta disponibiliza –, e no qual novas relações são criadas, à medida que as tradicionalmente conhecidas são renovadas e modificadas, torna-se necessário adaptar o enfoque analítico. Essa adaptação em relação à pesquisa narrativa, auxilia-nos na consideração de outros tipos de histórias que, enraizadas em situações comunicativas diversas, podem nos ajudar a formar um outro quadro deste tipo textual e das relações que são geradas no dia a dia, fora de um contexto controlado.

Referências Bibliográficas

BAMBERG, Michael G. W. 1997. Positioning Between Structure and Performance. *Language and Society* 25: 167-203.

CHAFE, Wallace. 1990. *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: University of Chicago.

CHARON, Rita. 1986. To Render the Lives of Patients. *Literature and Medicine* 5:58-74.

CLARK, Herbert & RICHARD, Gerrig. 1990. Quotations as Demonstrations. *Language* 66:764-805.

DE FINA, Anna. 2003. *Identity in Narrative: A Study of Immigrant Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

_____. 2000. Orientation in immigrant narratives: The role of ethnicity in the identification of characters. *Discourse Studies* 2(2):131-157.

FAIRCLOUGH, Norman. 1992. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.

FLANNERY, Mércia S. 2008. She discriminated against her own race: voicing and identity in a story of discrimination. *Narrative Inquiry* 18(1):111-130.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. 2007. *Small Stories. Interactions and Identities*. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins.

GOFFMAN, Ervin. 1981. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

GOODWIN, Charles. 1986. Audience Diversity, Participation and Interpretation. *Text* 6:283-316.

HARRÉ, Rom; LANGENHOVE, van Luk. (eds.) 1999. *Positioning Theory*. Oxford: Blackwell Publishers.

LABOV, William. 2001. *Uncovering The Event Structure of Narrative*. Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics, Washington, DC: Georgetown University Press, pp. 63-83.

LABOV, William & WALETSKY, Joshua 1967. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience, In: Helm, J. (Ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle/London: University of Washington Press, pp. 12-44.

MISHLER, Elliot G. 1986. *Research Interview: context and narrative*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

OCHS, Elinor and CAPPS, Lisa. 2001. *Living Narrative: Creating lives in everyday storytelling*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

POLANYI, Livia. 1985. *Telling the American story*. Norwood: Ablex.

SCHIFFRIN, Deborah. 2006. *In other words: variation in reference and narrative*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1996. Narrative as Self-Portrait: Sociolinguistic. *Constructions of Identity Language in Society* 25(2):167-201.

_____. 1982. Tense Variation in Narrative. *Language* 57: 45-62.

TANNEN, Deborah. 1989. *Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge University Press.

VAN LEEUWEN, Teun. 1996. The representation of social actors. In: Rosa Caldas, Carmen; Coulthard, Malcolm. *Readings in critical discourse analysis*. New York: Routledge.